

Medicina popular em Curitiba (1899-1912): Curandeirismo ou feitiçaria?¹

Maria Alejandra Morales Vera
Antropóloga e Mestre em História

RESUMO

O presente estudo analisou o discurso do jornal *Diário da Tarde* em relação às diversas representações sociais feitas ao curandeiro e as suas práticas populares em Curitiba ao final do século XIX e início do século XX. O objetivo principal desta pesquisa foi identificar e analisar os elementos que permitiram caracterizar tal representação. Considerou-se que ao discriminar curandeiro e as suas práticas populares, o referido jornal estava representando o pensamento dos profissionais da saúde diplomados e outros setores intelectuais da sociedade curitibana no período estudado. Todos eles mostraram-se preocupados em marginalizar e até abolir a figura do curandeiro e do curandeirismo por constituir uma séria ameaça à hegemonia do monopólio científico e médico.

Palavras chaves: curandeiro, curandeirismo, representações sociais

ABSTRACT

This study analysed the journalistic discourse of the newspaper *Diário da Tarde*, considering the social different representations made about the doctor/healer and his popular practices in Curitiba in the end of the 19th century and beginning of the 20th century. The main purpose of this work was to identify sufficient elements in the source paper that could characterize such representation. It has been concluded that, when the witchdoctor and their practices were represented, in general, it was also represented the thought of the official medicine, of the academic and professional sectors of the Curitiba's society. All of them were worried in making the witchdoctor's figure marginal and abolish the popular medicine practitioner, since it represented a serious threat to the hegemony of the scientific and medical monopoly of that time.

Keywords: doctor/healer, witchdoctor, social representation

*"Já parece passado nesta cidade o tempo dos cartomantes,
ainda não passou porem o das bruxarias. A prova vai ver o leitor.*

¹ O presente artigo faz parte de um dos capítulos da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social no ano de 2001 na Universidade Federal de Paraná, e intitulada "Curandeirismo e Curandeiros em Curitiba (1899-1912): Discurso e Representação no Diário da Tarde.

*Pedro –o curandeiro- assim é conhecido um velho herbolario (...)
trata de todas as doenças por meio de medicamentos que sabe preparar
e dos quaes, com cautella, guarda os segredos (...).²
Diário da Tarde, Curitiba, 07/11/1899.*

Introdução

O presente artigo analisa no jornal *Diário da Tarde*, as representações sociais feitas ao curandeiro e as suas práticas populares em Curitiba ao final do século XIX e início do século XX. Para isto, os relatos e notícias relacionados ao Curandeirismo e a medicina popular no período de 1899-1912 são entendidos não só como meras informações onde a linguagem principal é a tradução do sentido, mas também como a linguagem que diz por si mesma. Desse modo, os textos são analisados enquanto expressão relevante e representativa de alguns segmentos culturais e sociais de Curitiba dessa época. Na Primeira República a capital paranaense, como em todo Brasil, passava por um momento de grandes transformações, quando convergiam muitos interesses políticos, econômicos e sociais que se fizeram presentes em intensos debates publicados na imprensa periódica. Um destes focos de discursos tinha como objetivo a manipulação e construção das representações negativas sobre o curandeirismo e os curandeiros.

Para se desenvolver uma compreensão aprofundada deste processo, foram estudadas as diversas influências sócio-culturais existentes na medicina popular de Curitiba de final do século XIX a início do século XX, às vezes chamada de curandeirismo e/ou de feitiçaria; também se caracterizou os seus principais agentes: os curandeiros e suas práticas.

Raízes da Medicina Popular e curandeirismo em Curitiba

A medicina popular constitui um conjunto de conhecimentos tradicionais, compreendendo as influências das culturas indígenas do passado, as influências das culturas afro-brasileiras e as herdadas da medicina europeia da antiguidade e especificamente portuguesa. Estes aspectos possuem uma origem remota como nos descreve Laura de Mello SOUZA (1986:166):

Africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos rituais específicos a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu de medicina popular.

² Na transcrição dos textos do jornal, foi conservada a pontuação e ortografia original, assim como as expressões populares de uso corrente e as terminologias específicas do período. As palavras escritas em itálico ou colocadas entre aspas foram também mantidas na sua forma original.

A influência indígena na medicina popular brasileira e curitibana deveu-se também á participação dos jesuítas, que atuaram ativamente no campo da saúde e das curas junto com os próprios nativos indígenas. Deveu-se a eles a difusão do conhecimento de algumas plantas medicinais na Europa. CAMARGO (1978:4):

Muitas dessas plantas foram levadas para Europa e lá divulgadas as suas qualidades terapêuticas. A correspondência dos primeiros jesuítas com a Europa é rica em informações relacionadas ás propriedades medicinais de muitas plantas utilizadas pelos índios.

Nas diversas formas terapêuticas da medicina popular evidencia-se então, a inter-influência da medicina indígena e jesuítica. Os índios cultuavam a idéia do emprego das ervas e plantas aplicadas isoladamente na forma de cozimento, infusões, chás e sumos. Os padres jesuítas incorporavam os conhecimentos formais aprendidos da ciência oficial européia e, chegaram com a finalidade precípua de realizar a tarefa da catequese dos índios brasileiros.

É de ressaltar que a medicina no Brasil dos tempos coloniais foi exercida em grande parte pelos índios pajés, pelos jesuítas e pelos curandeiros. Mas a influência indígena na medicina popular brasileira e de Curitiba na época não está apenas relacionada ao uso das plantas medicinais e aos processos utilizados na manipulação das mesmas. Suas contribuições foram também importantes no campo prático das curas; cujos recursos empregados não estavam ligados apenas às plantas e ervas, senão a outros elementos de origem cultural relacionado aos rituais e cerimônias empregados para o mesmo fim terapêutico. Ditas práticas da pajelança influenciaram ao curandeirismo e a 'medicina espiritista' da época.

CASCUDO (1951:29) também se refere a essa herança deixada pelos índios quando indicou o uso do tabaco nos seus rituais terapêuticos:

O pajé empregava o cigarro de entrecasca de 'tauari' (Courataria tavyry), com o tabaco da região. Às vezes reforçava o enebriamento aspirando o cheiro do pó de 'paricá' (Mimosa acacioides). O 'Paricá' provoca sonhos indicadores de futuro e era no sonho que Kerpimanha ou Kerepiina, Mãe-do-sonho, orientava e dirigia(...)

Segundo ELIADE (1974) existiam agentes maléficos³ que eram introduzidos

³ Do latim *Maleficiu*. São os agentes espirituais, os encantados que tem como objetivo prejudicar alguém. É também um infortúnio, uma ofensa e calamidade sofrida por pessoas, animais ou propriedades, para os quais não se pode encontrar explicação imediata ou plausível. In *Laura de Mello SOUZA* (1986).

por outros pajés no corpo do paciente e tinham que ser sacados por um pajé. O pajé trabalhava com o auxílio de seus espíritos guias, aos que recebia em transe e visões. Esses guias davam conselhos para facilitar o diagnóstico e o posterior tratamento. O objeto que origina a doença ou problema de saúde pode ser um dardo, um bicho ou outro ente espiritual. Nesse caso, era preciso tirá-los do corpo do paciente por meio de sucção ou de outros ritos mágicos nos quais jogava um papel importante à maracá sagrada, o fumo do tabaco e outros fetiches.

Em relação aos elementos de origem africana, CAMARGO (1978) diz que procederam de diferentes regiões da África através dos escravos. Muitos deles eram curadores e especialistas em rituais de cura. Sua influência na medicina popular brasileira foi bem marcante no que diz respeito ao sobrenatural. Estes invocavam seus deuses através de transe para que estes transmitissem aos seus clientes as ordens divinas. A adesão do homem branco ou mestiço brasileiro a esses rituais fetichistas de origem africana tornou-se uma constante nas diferentes regiões do país. É interessante mencionar também, que nas suas sessões de cura utilizavam plantas medicinais e outros recursos terapêuticos da medicina indígena, embora seu maior prestígio estivesse nos poderes mágicos. Como disse CAMARGO (1978:12):

Sua arte de curar através dos recursos mágicos, muito impressionou ao colonizador português. Desta maneira ele vai também aderir, na forma de aceitação, à magia curativa empregada pelo africano, não só pela carência na época de uma medicina científica como também pelo temor que tinham por saber que os mesmos eram grandes conhecedores de plantas venenosas com as quais preparavam os venenos para seus senhores, quando eles eram por eles odiados. Além dos venenos, eram peritos nos filtros amorosos, que às vezes serviam para restituir aos seus senhores, o vigor sexual (...)

Na nascente república brasileira, os negros escravos fixaram e aderiram os costumes e saberes indígenas e europeus. O Catimbó é um exemplo disso, o também chamado 'culto dos encantados'. Trata-se de um culto popular freqüente hoje no nordeste e no norte do país. É uma fusão de elementos culturais da magia e da religião afro-brasileira, o catolicismo, espiritismo e algumas reminiscências de costumes indígenas (ALVARENGA:1949).

Segundo CASCUDO (1951:27), os negros, os indígenas e os europeus fundiram-se no Catimbó e mais tarde na Umbanda⁴. A concepção de magia, processos de encantamento, termos, orações, são da cultura mágico-religiosa dos ibéricos, vinda e transmitida oralmente. Já a pajelança, que era a figura representativa dos índios e dos cultos dos encantados, passa a ser substituído

⁴ Religião sincrética originada da assimilação de elementos religiosos afro-brasileiros pela corrente espiritista. In: Aurélio Buarque FERREIRA (1975)

pela figura do curandeiro.

As grandes imigrações para Curitiba ocorreram após a criação da Província do Paraná em 1853. Várias etnias européias dirigiam-se com o fim de formar núcleos de colonização. Essas Colônias iniciais eram agrícolas, e foram estabelecidas por italianos, alemães, poloneses e outros. A maioria destes imigrantes dedicou-se inicialmente às atividades rurais, e seus descendentes seguiram a mesma profissão, tendo alguns deles explorado produtos nativos da região como madeira e erva-mate. Com a imigração, a população curitibana triplicou. De 1890 a 1896 vieram 28.000 imigrantes, e entre 1907 a 1914 mais 27.000 imigrantes. (BARZ, E.:1992)

Um aspecto interessante a considerar foi à representação construída pelo discurso oficial sobre o imigrante em Curitiba. Este chegaria para 'salvar', disciplinar e morigerar a sociedade provinciana de Curitiba, marcada ainda pela escravidão negra. Este discurso manifestava-se na imprensa na literatura e na própria política migratória do Estado. Romário MARTINS (1933:456), intelectual e historiador pronunciaram-se sobre as origens étnicas do curitibano: "(...) *alguns dos nossos dissídios e desorientações correm por conta de proximidades étnicas com a estirpe de Can*".

Mesmo os imigrantes tendo um aceite social e econômico na Curitiba do início do século XX, torna-se necessário destacar sua relação conflituosa com às práticas médicas populares do contexto estudado. Talvez a competição no mercado de trabalho e/ou as variadas diferenças étnicas favoreceram esse fenômeno. A maior parte dos "acusados" de feitiçaria e de prática ilegal da medicina em Curitiba no período analisado pertence ao grupo dos descendentes de escravos negros, negros libertos, pardos, mulatos e mestiços. Logo em seguida, o grupo étnico de maior freqüência foram os descendentes de italianos, poloneses e sírios, segundo LANGER (1992).

Curandeiro, curandeirismo e práticas mágico-religiosas

O Curandeiro é uma confluência entre médico e religioso popular. Ele atende as necessidades físicas e espirituais com medicamentos caseiros, mas também utiliza elementos religiosos e mágicos para sua arte de curar; especialmente quando a causa da doença é sobrenatural ou baseada no seu universo mítico e cultural. Neste caso, a linguagem simbólica do ritual do curandeiro é mais eficiente do que a linguagem médico-científica, já que muitas vezes não resolve esse tipo de problemas. (MONTEIRO, P.:1990:63). Isto é talvez uma das melhores explicações para a enorme popularidade destes personagens e sua evidente resistência no tempo.

George FOSTER (1980) escreveu no contexto espanhol e europeu:

Fuere cual fuere el mecanismo, una gran proporción de la práctica médica europea de la época de la conquista fue incorporada a las prácticas populares americanas e latinoamericanas. Al mismo tiempo, y por canales informales, buena parte de la medicina popular contemporánea de la metrópoli fue transferida al Nuevo Mundo. El resultado es una masa bien desarrollada y floreciente de creencias folklóricas sobre la naturaleza de la salud, las causas de las enfermedades y las técnicas curativas, compuesta de elementos americanos indígenas, de folklore europeo, y de medicina clásica erudita.

Portanto, a medicina popular e o curandeirismo são nutridos por diversas origens como a indígena, a africana e, mesmo européias. Eram os mesmos colonizadores, missionários e depois os brasileiros descendentes dos portugueses, que recorriam a estes especialistas da cura. Algumas práticas médicas se misturaram com as de origem européia, originando assim múltiplos sincretismos médicos praticados normalmente tanto no campo como nas cidades. Este fato deu origem a prática dita hoje de Curandeirismo.

É de ressaltar que a formação de sincretismos nas práticas médicas não foi somente o resultado do fenômeno normal de intercâmbio implícito e automático, que se produziu quando duas as culturas mantiveram-se em um contacto permanente. Há também uma origem mais específica: os curandeiros indígenas manejavam com maior conhecimento as doenças endêmicas e sua própria cura e, por isto, seus métodos foram assumidos pelos europeus em geral de todas as classes sociais. Este processo era facilitado pela falta e pouca quantidade de médicos titulados e diplomados em Faculdades de Medicina até a metade do século XIX. Deste modo, curandeirismo e práticas mágico-religiosas estão intimamente associadas na sociedade brasileira desde o século XVIII até os dias de hoje.

Outra relação do curandeirismo é com o universo simbólico do feitiço (SOUZA, L:1986:166):

procurar obter cura por meios sobrenaturais aproximava esta terapêutica popular da feitiçaria. Curavam-se doenças, incômodas como dores de dentes; mas também se curavam feitiços (...) o curandeiro tinha função paradoxal: identificado ao feitiçeiro, era freqüentemente chamado para desfazer feitiços.

Por estas relações simbólicas e culturais com a dita feitiçaria e/ou bruxaria, muitas vezes os curandeiros na Curitiba de final do século XIX e início do séc. XX, eram reprimidos, perseguidos e condenados à prisão. Suas práticas eram estereotipadas e sancionadas por grupos sociais de profissionais e intelectuais.

A figura do Curandeiro é do curandeirismo é definida pelos dicionários e

enciclopédias do século XX como um conjunto de práticas e de condutas. Uma instituição considerada ilícita, mas que por costumes, de certo modo, incultos do povo, esta têm aceitado e ao mesmo tempo é sancionado por vezes. Já o Curandeiro *del lat. "cuñandus"; ger. de curare, cuidar, curar: m. é El que hace de médico sin serlo*⁵. Na Enciclopédia Universal Ilustrada Europeu Americana de 1930, o Curandeiro é definido na sua primeira acepção como: *charlatan, empirique, p. curandeiro – adj. Dicese de la persona que ejerce de médico sin tener aprobado los estudios correspondientes. II. Charlatan que vende remedios específicos en público o en secreto, o practica tratamientos empíricos o supersticiosos o de pura farsa.*

Dos métodos mais utilizados por eles foi o uso de ervas, raízes, líquidos e fervidos armazenados em recipientes de vidro transparente chamados de 'beberagem', utilizadas freqüentemente também em todo Brasil. (OLIVEIRA, E. R., 1985)

Sobre filtros, mezinhas e garrafadas em Curitiba

A expressão mais antiga encontrada nas fontes impressas para a palavra 'beberagem' foi o chamado 'philtro'. Palavra de origem europeia e que era muito utilizada na mitologia e folclore clássico. Em 1906 surge a expressão 'Mezinha' (CESAR, G.:1940), também de origem europeia, para logo depois surgir para ficar a palavra 'Garrafada' de influência africana (DIARIO DA TARDE, 07/11/1899:02). Dos elementos constituintes das 'beberagens' o dos 'philtros'; utilizados em Curitiba no período estudado. Dario *Vellozo (1900)* jornalista, poeta e ocultista relaciona alguns minerais e vegetais mais empregados na terapêutica popular de Curitiba no início do Séc. XX, e em rituais da magia negra:

Minerais:

- Hydrargyro (azougue)
- Ácido arsenioso
- Bichlorureto de mercúrio

Vegetais:

- Alecrim *osmarinus officinalis*
- Arruda *uta graveolens*
- Belladona *Atropa Belladona*
- Mandrágora *Atropa mandrágora*
- Trevo *Menyanthes tritiliata*

Em 1899 um herbolário conhecido por Pedro o Curandeiro, é procurado por uma pessoa com fortes dores de dentes. *Pedro oferece-lhe para beber sal e aguardente misturados numa pasta de 'urtigas'. Ao colocar o preparado nos dentes, este desatou num berreiro capaz de acordar uma esfinge.*⁶

Uma velha curandeira e feiticeira, que morava na Praça Tiradentes em

⁵ Grande ENCICLOPEDIA Portuguesa e Brasileira. Vol.VIII. Lisboa: Ed. Lisboa. 1940. p. 290-291.

⁶ DIARIO DA TARDE, Curitiba 04/07/1901. p. 02.

1901, receitava e vendia garrafadas de remédios de ervas e raízes:

*(...)me cobrava trinta mil reis por cada garrafada de remédio que me dava e dizia que minha doença era de natureza que nenhum medico era capaz de me curar. Depois de ter gasto muito dinheiro inutilmente com essa feiticeira, que devia ser chamada a policia, me indicarão uma outra que mora na rua Dr. Pedrosa, que me cobrava sete mil reis por garrafada. (...) Perdi meu dinheiro, mas ganhei experiência. Torno isto publico para prevenir as simples como eu, e para pedir providencias a policia e ao governo contra essa súcia de curandeiros, exploradores da desgraça do próximo.*⁷

Num outro relato do DIARIO DA TARDE (10/10/1907, p. 1), o velho curandeiro Pascoal Escosito atende e subministra beberagens a um sapateiro de nome Luiz de Valeanis que residia na rua de S. Francisco que:

(...) sentiu um torpor invencível foi pouco a pouco se alastrando por todo seu corpo, e dores intensas e passageiras allucinações deixaram incapaz do menor esforço, a energia exgottada, a razão quase a se apagar (...) Mas um momento de lucidez permitiu ao pobre homem visse o abysmo para o qual se arrastava a sua credulidade. Em um aneio forte de sarar, de não consentir que detinbasse o seu organismo robusto de trabalhador, fez com que elle procurasse um remédio, que combateu vantajosamente as conseqüências perniciosas das drogas ingeridas (...)

De acordo com as fontes pesquisadas, o curandeiro de Curitiba do início do século era um empírico, um prático na maioria das vezes. Porém, também existiam os curandeiros alfabetizados que tiveram a seu alcance, algumas noções da ciência médica, muitas vezes aprendidas de outrem ou da própria leitura de alguns livros e manuais que chegavam raramente à cidade. Quase todas estas obras foram difundidas no Brasil e em Portugal desde o século XVIII.

Sobre benzeduras, orações e palavras cabalísticas

As benzeduras eram geralmente mulheres e as agentes mais populares. No caso de Curitiba, a maior parte das benzeduras pertenceu ao catolicismo; e eram em sua maioria descendentes de imigrantes europeus, principalmente italianas. Sua permanência social e cultural é bem remota como nos afirma Laura de Mello SOUZA (1986:184):

(...) nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco das benzedeadas. Fica difícil dizer se realmente eram escassas ou se a inquisição (...) se importava pouco com elas. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável (...) uma longa tradição, portanto, justificava seus atos e diminuía sua culpa.

A benzedeadora era uma mistura de rezadeira, conselheira e curandeadora. A sua prática médica mais usada era a chamada 'simpatia'. A 'simpatia' segundo OLIVEIRA, Elda (1983) consiste no processo mágico na qual o efeito era semelhante à causa que o produziu. Geralmente essa causa ou essa origem era de ordem sobrenatural ou como preferimos chamar de mágico-religiosa. Portanto, o processo médico-mágico-religioso da 'simpatia' utilizado pelas benzedeadas e curandeadas, estava baseado na 'lei da similaridade' da magia imitativa. A magia imitativa definida por Frazer, seria o tipo de magia pela qual o praticante, por imitação, pensa produzir o efeito desejado. Ele põe em relação às imagens dos fenômenos semelhantes, que são considerados capazes de influir sobre o outro. (MONTEIRO, P., 1990)

Mesmo não aparecendo com muita frequência notícias ou comentários acerca das benzedeadas em Curitiba no período estudado, levantam alguns exemplos interessantes como o seguinte:

Curitiba tem, às vezes destas notas em que o diabolismo aparece com as suas garras misteriosas, envolvendo um rol de acontecimentos. (...) Temos hoje conhecimento de um facto, que si não for uma feitiçaria da preta, então é uma comedia das mais notavelmente desempenhadas. A magia branca e negra, que é um ramo científico do occultismo, tem o seu desenvolvimento entre a classe inferior de todas as populações (...) Hontem a noite Eliza chamou Lydia para ler uma carta que dizia haver recebido. (...) Como porem demorasse a voltar, Izabel foi à procura de sua filha, encontrando fechada à casa de Elisa. Ouvindo sinal de dentro, na parede da casa, forçou um aporta indo encontrar a Lydia a um canto inteiramente muda. Apesar de muitos remédios e benzeduras, vendo a Izabel que sua filha não recuperava a fala foi hoje ao meio dia ao posto policial dar queixa a autoridade. (...) finalmente a mãe desta disse a ella declarante que Lydia estava muda devido às feitiçarias feita pela declarante.⁸

Outro tipo de prática mágico-religiosa dos curandeiros em Curitiba foram

⁷ DIARIO DA TARDE, Curitiba, 04/07/1901.p. 02.

⁸ DIARIO DA TARDE. Curitiba. 06/12/1905. p. 02.

as Orações. O também chamado Rezador destacou-se pelo poder de suas orações e rezas. Era servido por uma poderosa força de sugestão, favorecida pelo respeito e fé que sabia infundir no paciente. Eduardo CAMPOS (1955:33) relatou a respeito de rezadores que se tornaram famosos pelas próprias orações e práticas mágicas com que trataram as enfermidades que muitas vezes acometiam até nos animais. Por exemplo, para curar uma rês que tinha desaparecido de seu curral e estava perdida na caatinga, o rezador-curandeiro era capaz de 'curar pelo rastro'. O sertanejo depois contou para os outros que os 'bichos caíram no chão no dia após da reza.

No ano de 1899 em Curitiba, apareceu o caso de uma 'Feiticeira' e/ou Curandeira chamada Deolinda. Ela utilizava como técnica na sua arte de curar, a reza, como relata no texto:

*(...) Deolinda mostrou vários papeis ao sr. Commissario de policia dizendo que eram 'rezas virtuosas' e offereceu-lhe uma, fazendo a seguinte ponderação: Se quiser dou-lhe esta reza. Traga sempre comsigo que estará livre de ser attingido por bala, ou por qualquer arma de que por ventura contra o sr. possa uzar qualquer malfteiro. O sr. commissario agradeceu a offerta que não aceitou e retirou-se dalli um pouco apprehensivo (...)*⁹

Um outro caso interessante e diferente utilizado por alguns curandeiros curitibanos era o de curar mediante a devoção de santos e imagens religiosas tradicionalmente católicas. O dia 14 de fevereiro de 1900 aparece no *Diário* à notícia de uma 'velha devota de cor morena' que anda esmolando pela cidade com uma bandeja com a imagem Santo Antônio e de São Benedito. Sobre a proteção deles, a velha senhora receitava remédios que lhe eram inspirados por estes santos. Seguem alguns parágrafos do texto:

NOVA FEITICEIRA

(...) tem por habito andar esmolando com uma bandeija, no centro da qual traz sempre, de pé, a imagem de um santinho. Esta imagem representa o santo para o qual a mulher solicita a esmola e é geralmente, ou a de S. Antonio, ou a de S. Bededicto. de porta em porta vai assim a mulher 'arranjando' a vida, sob a protecção dos santinhos. Até ahi, porem, nada existe de novo. E as pessoas que tem palestrado com a velha, talvez so admirem agora ao saber que se trata, não de uma devota, mas de uma feiticeira. Tem por habito

⁹ DIARIO DA TARDE, Curitiba, 24/05/1899. p. 02.

a mulher procurar as donas de casa para conversar. Indagando o que vai se passando debaixo do seu tecto, pois para 'todos os males tem remedios' que lhe são inspirados pelos santos a que se há dedicado (...).

Para reforçar o carácter mágico e supersticioso da mulher, o jornalista descreveu a casa e seus objetos 'estranhos':

(...) Dizem-nos que a sua casa é um verdadeiro museu alchimico tal a quantidade de objetos exquisitos com os quaes convive e aos quaes empresta qualidades mysteriosas. A velha pedinte está sendo atualmente procurada por pessoas ignorantes que dão ouvidos á suas 'conversas'. Antes, porém que estas possam ir adiante será bom que a policia procure tirar os feitiços á velha devota.¹⁰

As palavras cabalísticas¹¹ eram também recursos terapêuticos importantes usados pelos curandeiros e feiticeiras de Curitiba. Elas acompanhavam simpatias, 'encantos', 'bruxarias', 'poções' ou 'beberagens' e todas as técnicas utilizadas por estes praticantes da medicina popular. No próprio *Diário da Tarde* diziam a respeito: *(...) todos sabem que Marcellus Empiricus, de Bazas, proclamava a virtude theurapeutica das palavras mágicas, e que Paracelso não receiava afirmar: as palavras têm, ás vezes, virtudes iguaes á de certas plantas.(...).*¹²

No dia 25/05/1899 também no DIARIO DA TARDE aparece uma notícia referente á 'feiticeira' Lucinda e as seus palavras mágicas e cabalísticas:

O caso da Feiticeira: Medicamentos

(...) Diante das revelações que nos foram feitas, pareceu-nos que nos achávamos em séculos atrasados, onde a alchimia, as ervas e as palavras cabalísticas estavam em pleno uso e florescência. E' assim que nos affirma pessoa que foi consultar á mulher, ter ouvido d'esta o seguinte: 'queimando umas pétalas de rosa murcha e tomando depois as suas cinzas, misturese-as com um xarope espesso de água e assucar e dizendo:- isto é mel rozado dos pharmaceuticos, beba.' Declarou então a feiticeira que é isso quanto basta para produzir o 'encanto', isto é a cura. Para fazer um coração apaixonar-se 'por qualquer pessoa' basta, segundo Lucinda, atirar ao fogão um punhado de sal, e, emquanto este estala, pronunciar pensando no coração que se quer apaixonar, as palavras cabalísticas: -'abbá-gott-bitto-bleu'.

¹⁰ DIARIO DA TARDE, Op. Cit. P. 02.

¹¹ Vem da palavra CABALA. É um tratado filosófico-religioso da religião popular hebraica. O conteúdo desses tratados, particularmente, a decifração de um sentido secreto do simbolismo dos números e das letras. In: FERREIRA (1975).

¹² DIARIO DA TARDE. Curitiba. 22/05/1899. p. 02.

Acrescentou, porém, que para o facto produzir resultado, necessita o consultante guardar a respeito o maior segredo. Acreditamos ser essa mulher victima de especulações de terceiros, que servem-se de seus 'mysterios' para não poucas patifarias, como demonstra a phrase já usada pelo 'Diario' de COMEDIA AMOROSA. (...).

Curandeirismo/Espiritismo

Em 1899, Luiza de Moraes, apelidada de 'curandeira', curava pela invocação de espíritos. A forma mais empregada por ela, era colocando as mãos sobre uma mesa e ditar o diagnóstico e os medicamentos que deveriam ser utilizados pelas pancadas recebidas.¹³ Ditas práticas podem ter sido influenciadas pelo fenômeno do Espiritismo na Europa do século XIX. A receita e os medicamentos utilizados neste tipo de atividades eram como os que citam os repórteres no mesmo artigo do dia 29/12/1899: "(...) *cinza, pó de osso, ervas secas, etc.*"

O Espiritismo desde seus inícios e até o dia de hoje é relacionado às superstições, à bruxaria e/ou feitiçaria e também ao curandeirismo de forma geral. No ano de 1907 o 'Diário' tinha uma coluna fixa chamada de *A Doutrina Espírita e o fanatismo dos seus aderentes e adversários*. Devido a este foro aberto com a comunidade em geral, publicaram-se numerosas reportagens e notícias sobre o assunto. Alguns com tom de graça e preconceito e outros com tom de cientificidade e academicismo. Vejamos os exemplos: "*O espiritismo tem hoje a direcção incontestável no terreno das idéias mysticas, e por esse motivo ele pode contar antecipadamente com a sympathia e os interesses geraes.*"¹⁴

No dia 05 de outubro, publicou-se outro texto com o título *à doutrina espírita*:

*(...) a doutrina se limita exclusivamente na afirmação, que no homem além do Eu visível e corporal existe ainda um Eu ethereo o psychico, um corpo siderico, diz Paracelso, corpo este que já durante a vida pode se manifestar e se separar temporariamente do corpo, não sendo surpreendido pela morte, mas sim continuando a viver como ser espiritual infinito e consciente depois da decadencia do corpo. (...)*¹⁵

Um outro parágrafo interessante no mesmo texto referiu-se ao caráter místico e misterioso deste tipo de práticas e doutrina, assim como sua relação direta com os fatos de feitiçaria, categoria utilizada no contexto histórico estudado,

¹³ DIARIO DA TARDE. Curitiba. 29/12/1899. p. 02

¹⁴ DIARIO DA TARDE, Curitiba, 08/10/1907, p. 01.

¹⁵ DIARIO DA TARDE, 05/10/1907. p 01.

para designar aos curandeiros.

(...) Mormente, por serem mysticos e transcendentos e por parecerem contrariar a Sciencia official, o Espiritismo sonda alegremente esses factos suppostos. O espiritismo, por exemplo, affirma a realidade da feitiçaria e bruxaria, como vemos no livro 'Enigmas do Homem' por Du Prel (...) onde diz, Este (o effeito mágico do arbítrio) pode-se considerar como magica negra, identifico com feitiçaria e bruxaria.(...)¹⁶

Ao mesmo tempo em que estes artigos e matérias davam uma legitimidade e popularidade aos fatos ligados ao espiritismo, bruxaria e feitiçaria, também tinham a função contraditória, da imagem e representação negativa dos que a praticavam.

Objetos e fetiches de caráter mágico

No ano de 1907 houve mais polêmicas e intensificaram-se os debates acerca do espiritismo, magia e bruxaria em Curitiba; foi publicada a notícia de um sapateiro, que após ingerir estranhos medicamentos de um curandeiro, sofreu fortes alucinações. Os repórteres do *Diário da Tarde* acompanharam o caso, se dirigiam à casa do praticante, pela qual percorreram o seu interior e descreveram:

*(...) chamou-nos logo a atenção um pequeno sino, colocado atrás da porta entre flechas, rabos de tatu, paus de forma pontiaguda, triângulos de aço e outros objetos esquisitos. (...) de um lado, oratórios de reduzidas proporções, rodeados de numerosas gravuras de santos, de soberanos e de personagens italianos em evidencia; de outro lado sobre uma mesa antiga, e simetricamente disposta, numerosos frascos contendo líquidos de cores diversas.*¹⁷

Tratava-se da casa do curandeiro Pascoal Escosito, (curandeiro já mencionado em item anterior) natural da região do Término, na Itália. Sua preocupação com objetos e utensílios de caráter mágico nas paredes e porta da casa, era uma pratica muito utilizada entre os camponeses da Europa (FERREIRA, J.:s/d). Usavam objetos nos telhados, paredes, e principalmente portas, entre os quais, chifres, cruzes, ferraduras, triângulos e sinos. Destinavam-se a proteger a casa de influências maléficas externas, os chamados mau-olhado¹⁸ e

¹⁶ DIARIO DA TARDE, Op. Cit. p. 01.

¹⁷ DIARIO DA TARDE, Op. Cit. p.01

outros feitiços.

Os objetos e fetiches foram sempre associados às curas de tipo mágico-religiosas. Assim mesmo, atribuem-se "culturalmente" cargas de "poder", energia e significado simbólico. São representações simbólicas tangíveis que possuem funções mágico-curativas, pois se refere a cura a biológica e psíquica, e também a econômica, social e política. O objeto enfeitado - penas, animais secos, galinhas, abutres, cabras ou variadas ervas medicinais - e a razão do feitiço é o que existe em comum entre estes objetos. A carga simbólica colocada nele é manifesta algum tipo de poder, seja graças a sua própria natureza ou alguma pessoa que detém esse poder.

Sobre os fluidos magnéticos

Um outro curandeiro famoso que surgiu nas notícias do *Diário* em 1903, vinha da cidade de Lapa, permanecendo três dias da semana em Curitiba num consultório na Rua São José no centro de Curitiba. Cegos, paralíticos e pessoas com diferentes problemas de saúde dirigiam-se à casa do curandeiro chamado Sebastião Mariano da Silva. Casado e com 43 anos de idade, homem negro que não utilizava nenhum tipo de ervas ou beberagens. Apenas: "(...) *passava a mão sobre a parte comalida e afirmam muitas pessoas, apenas com fluido conseguia curar o enfermo.* (DIÁRIO DA TARDE, 01/10/1903, p. 01).

Ao realizar a cura, diziam os seus pacientes que perdiam enorme quantidade de suor. O Sebastião declarava a seus pacientes que Deus é que curava as suas moléstias, através das rezas que proferia ao aplicar os '*passes*': "(...) *supõe que deva à força magnética que possui a um poder sobrenatural.* (DIÁRIO DA TARDE. Op. Cit. p. 01)

O caso deste curandeiro foi bem documentado pelo jornal estudado e todo dia aparecia alguma notícia ou matéria sobre ele, com o título de *Curandeiro famoso: curas maravilhosas*. No dia 02 de Outubro de 1903, o *Diário* cumpria a promessa aos seus leitores de dar mais pormenores sobre o famoso curandeiro Sebastião que tanto preocupava a atenção da população curitibana, aumentando a freqüência das notícias ao respeito e a freguesia por pacientes com diversos problemas. Todos insistiam em afirmar e publicar nos jornais da cidade, a eficiência da técnica usada pelo curandeiro. Eram pessoas cegas, paralíticas, fracas de pernas, etc. Vejamos um exemplo:

(...) Realmente, este homem de côr, tem feito uma verdadeira romaria dirigir-se à rua S. José, tal a fama de suas curas por meio de fluidos

¹⁸ É a qualidade mágica que se atribui a certas pessoas de causarem desgraças e mal aquelas para que olhem. In: CASCUDO (s/d) no *Dicionário do folclore brasileiro*. Do 'mau-olhado' diz o *Diário da Tarde* do dia 05/06/1903, que esta é uma "superstição em quase todos os povos. No Hindostão os europeus lhe chamam toqueldade, a esse pretendido privilegio que tem certos índios de modificar a natureza dos objetos em que fixam o olhar.(...)"

*magnéticos. Desde as 6 horas da manhã até avançada hora da noite, a casa onde está elle hospedado conservase completamente cheio de enfermos. E' uma azafama sem conta; (...) E' um verdadeiro rosário do povo.*¹⁹

Esta prática de curar através de processos de fluidos-magnéticos era muito usada neste período, influenciada pelo Mesmerismo²⁰, corrente defendida e assumida pelo Espiritismo, e que ao mesmo tempo e contraditoriamente, era combatida pelo Ocultismo.²¹

Na corrente ocultista a opinião era diferente, para isso Dario VELLOZO (1900:65) comenta a respeito no seu texto *Ocultismo no Paraná* publicado na Revista *Esfinge*: "(...) o grande agente mágico é o fluido astral, é o magnetismo natural ou humano (...) empregado para o bem (...) e para o mal, é a grande força oculta da Grécia (...) os ritos são meios práticos de auto-magnetismo". Em outro texto de VELLOZO (1900:53) intitulado *Magia negra e Alta Magia* também publicada na Revista *Esfinge* ele afirmou o seguinte sobre o assunto: "(...) o bruxo eletrifica-se e projeta o fluido magnético, envenenado de malefícios.

No ano de 1912, no *Diário* pesquisado começam aparecer notícias do Dr. Pallini que também curava mediante os ditos 'passes magnéticos'. É importante ressaltar como através dos anos o mesmo procedimento pode ser visto de diversas formas, principalmente nos primeiros anos do século XX. O fenômeno dos fluidos magnéticos era visto e entendido como curandeirismo, feitiçaria, ocultismo e até superstição. Já com o surgimento da Universidade Federal do Paraná e a Faculdade Medicina, entre outras instituições, este tipo de prática passou a ser vista e entendida diferente. Os praticantes se valiam do título de 'Dr' para dar mais ênfase á cientificidade e seriedade de sua arte. Notório também é como se identificou um aumento significativo da quantidade de repostas nos jornais, chamadas de "atestados". Estes atestados eram publicados por pacientes curados por este *Doutor* ou curandeiro. A seguir um exemplo:

Dr. Pallini: Venho tornar publico o bem que me fez o humanitário dr. Pallini, pedindo-lhe ao mesmo tempo desculpas porque sei que vou offender a sua reconhecida modéstia. Sofria há mais de vinte annos de uma moléstia julgada incurável, tendo feito uso de innumerous preparados para sem alcançar nenhum resultado e agora graças a Deus, me acho completamente curada com oito applicações de passes

¹⁹ DIARIO DA TARDE. Curitiba. 01/10/1903. p. 01

²⁰ Doutrina de Franz Mesmer (1733-1815) segundo o qual todo ser vivo seria dotado de um fluido magnético capaz de se transmitir os outros indivíduos, estabelecendo-se assim, influências psicossomáticas recíprocas, inclusive de efeitos curativos. In Aurélio B. FERREIRA (1975).

²¹ O ocultismo é a ciência dos fenômenos que não podem ser explicados pelas leis naturais. As artes adivinatórias, o hermetismo, o esoterismo e outros. In: DICIONÁRIO DE CIENCIAS OCULTAS (1973).

*magnéticos feitas pelo generoso dr. Pallini. (...) Maria Franéz,*²²

Um outro caso registrado na presente pesquisa denota o caráter de ambigüidade variada das técnicas usadas pelos curandeiros nesse período em Curitiba, municípios próximos e algumas vizinhanças. O caso do curandeiro Pedro Victor, um "pandego"²³ morador da cidade de Campo Comprido em 1903. Pedro Victor se intitulava como 'curandeiro' e era famoso por seus tratamentos em dores de dentes. Foi procurado um dia (20/07/1903) por uma enferma que, após um rigoroso exame que o mesmo curandeiro lhe fez, constatou que ela era vítima de feitiços de seu marido. Depois de uma grande confusão, Pedro Victor é preso pela polícia. Vejamos alguns parágrafos da notícia:

*(...) Pedro Victor sendo chamado poz-se á caminho do Campo Comprido e lá pegando no pulso da enferma, disse sentenciosamente que ella soffria de 'feitiço', acrescentando que essas artes diabólicas tinham sido feitas pelo seu próprio marido. Foi um reboiço infernal, uma intrigalhada que já não tinha mais principio nem fim. O sr. commissario da 2da. Circumscripção tendo conhecimento do facto mandou recolher o curandeiro á cadeia civil desta capital.*²⁴

A ambigüidade do curandeiro e suas ligações com as práticas mágico-religiosas tiveram origem remota. Segundo Laura de Mello SOUZA (1986:168):

(...) O curandeiro podia tanto restaurar a harmonia rompida, restituindo a saúde aos que tinham perdido, como desencadear malefícios. (...) Talvez tenham existido diferenças entre os curandeiros que curavam doenças, curandeiros que curavam feitiços e promotores de feitiços (...) a homogenização destas atividades tendo sido encetada pelos aparelhos repressivos e desta forma chegado até nós. Fica aqui a dúvida.

As diversas representações sociais dos curandeiros e de suas práticas levantadas no jornal *Diário da Tarde* no período de 1899-1912 em Curitiba forneceram uma clara idéia de como estes praticantes populares da medicina, construíam sua variada e complexa terapêutica. Nos seus tratamentos existiam vários modelos de práticas de curandeirismo influenciados pelos componentes étnicos e culturais dos indígenas, afro-brasileiros e europeus. Assim, a eficácia na suas práticas de cura médico-mágico-religiosa, deveu-se em parte, a sua

²² DIARIO DA TARDE, Curitiba. 03/10/1912. p. 04.

²³ De Pândega. [+ -ar2.] V. int. 1. Andar em pândegas; farrear, estroinar. Do *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edit. Nova Fronteira, 1999. p. 1484.

²⁴ DIARIO DA TARDE, Curitiba. 20/07/1903. p. 01.

capacidade de atribuir diversos significados às desordens fisiológicas e espirituais, muito mais abrangentes do que a concepção médica oficial, dando um sentido mais coletivo aos problemas individuais.

Irmandade do Pala Branco

A Irmandade do Pala Branco é a mais antiga referência de curandeirismo coletivo no Paraná no recorte analisado. Foram citadas por Dario VELLOZO (1900:68-69). Constitui a única referência anterior à década dos anos 30. Segundo VELLOZO o nome da Irmandade surgiu no início do século XIX, *irradiando-se pelo Paraná*. Eles praticavam um tipo de *ocultismo prático, terapêutica oculta e de magia negra*. O próprio nome do grupo provinha de Palas (Poncho) que segundo eles, os seus associados jamais abandonavam. Após a guerra do Paraguai, no ano de 1870, o nortista Manoel António chega ao Paraná em companhia do mestre irmão Soares e de outros companheiros. E ali se teve o início da Irmandade do Pala Branco. VELLOZO (1900:68-69) contou a respeito:

(...) a superstição, o fanatismo vibrava a alma simples e ingênua dos sertanejos (...) fascinadas, mulheres corriam à casa do érço, onde fieis se ajuntavam, atraídos pela fama do curandeiro (...) por vezes, a cura pronta de enfermidades rebeldes, benzimentos e exorcismos. Manoel Antonio aplicava medicamentos de sabor esquisito, adivinhava o pensamento de outros, indicava o local onde tinha ido parar objetos estraviados, profetizava... Os sectários ao Pala Branco recebiam a instrução gradativamente, conforme as aptidões que demonstravam e a confiança inspirada ao iniciador.

A Irmandade do Pala Branco dissolveu-se no ano de 1878 para sucumbir finalmente em 1893 com a morte de Manoel Antonio, o mestre. Mas, a tradição de curar mediante essa terapêutica oculta e misteriosa, continuou: *(...) os antigos sectários continuaram na aplicação da terapêutica oculta, havendo alguns voltados inteiramente à perversão satânica da magia negra.*

O Curandeirismo como prática ilegal da Medicina

Na constituição de 24 de fevereiro de 1891, no artigo 72, parágrafo n. 24, ficou estabelecido, quanto ao exercício das profissões: *garantido o livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial* (FAVERO:1947:227-240). Depois dessa legislação, o fato causou muita polêmica entre os que defendiam a total liberdade de exercício das diversas profissões, e os que defendiam uma aplicação mais rigorosa da lei. Os defensores da aplicação rigorosa da lei defendiam que se

estabelecesse o 'princípio da liberdade profissional restrita', pois, segundo eles, a carta de 1891 não assegurava o livre exercício de qualquer atividade, mas sim de qualquer profissão e esta implicaria profissionalismo. Portanto, dever-se-ia garantir a completa liberdade de exercício, mas apenas para os profissionais habilitados. (FAVERO, op. cit).

Este tipo de interpretação da lei acabou prevalecendo entre os juristas da época. No entanto, devido ao caráter extremamente geral desta legislação, era muito difícil coibir e punir qualquer infrator. Principalmente se eram curandeiros, já que a condenação destes indivíduos era improvável, uma vez que as autoridades policiais quase nunca conseguiam reunir as provas dos fatos previstos na lei. Antonio Carlos Duarte de CARVALHO (1999:56) expôs a respeito:

Como o texto da Constituição de 1891 foi mantido integralmente pela Reforma Constitucional do 7 de setembro de 1926, estes problemas continuaram até 1934 que se declara uma nova Constituição e que no artigo 113 item 13, estipula que estaria liberado o exercício de qualquer profissão, observadas as condições de capacidade técnica e outras que a lei estabelecesse, ditadas pelo interesse público.

Essa noção de "capacidade técnica" que mencionou o autor referiu-se à capacidade profissional concebida pelo diploma acadêmico. Com isto, a justiça, a polícia e a sociedade em geral tiveram uma legislação mais clara, que possibilitava a prisão e condenação a todos aqueles que exercessem a medicina, sem diploma ou com diploma não registrado e reconhecido pelas autoridades competentes. Além da liberdade do exercício das profissões, a liberdade do culto religioso foi outro aspecto interessante a considerar, devido à estreita relação deste fenômeno com o curandeirismo. Com base no artigo 72 da Constituição de 1891, ficou assegurado a todos a liberdade de culto religioso, o que também dificultava a prisão e condenação dos curandeiros. A Máxima pena possível era uma multa. (CARVALHO:1999:57)

Mudanças significativas também ocorreram nos Códigos Penais, na parte referente ao exercício ilícito da medicina. Em 1890, o Código Penal estabelecia no artigo 157:

Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimento de ódio ou amor; inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, fascinar e subjugar a credulidade pública: pena de 1 a 6 meses; se por influência ou em consequência de qualquer destes meios resultarem ao paciente privação ou alteração temporária ou permanente das faculdades

psíquicas: pena de 1 a 6 anos". (CARVALHO, A.:1999)

Como se percebe no Código de 1890, a exemplo do que acontecia com a Constituição de 1891 –mantida até 1934-, no artigo que abordava o exercício ilícito da medicina era ainda muito geral e pouco preciso, o que dificultava novamente o trabalho da justiça para reunir provas dos delitos dos indiciados. Sob o rótulo de curandeiros, estariam enquadrados os indivíduos que exerciam a arte de curar sem habilitação profissional. Para a Justiça a habilitação profissional só podia ser comprovada através de um diploma reconhecido por autoridades competentes. Portanto neste delito, estariam incluídos, além dos curandeiros, os ditos de feiticeiros, macumbeiros, ervateiros, benzedores, etc., pois por não possuírem o diploma do curso de Medicina, sua atividade implicaria curandeirismo. De modo que este novo Código mais detalhado no que se refere à prática do curandeirismo, auxiliaria aos juízes na condenação dos curandeiros e outros praticantes populares que estivessem "fora da lei".

Em base aos dois Códigos Penais expostos, certamente houve uma focalização importante no sentido da precisão da legislação que tratava do exercício ilegal da medicina. A aplicação desta lei de forma mais rigorosa, seria capaz de resolver em parte ou de vez o problema da existência dos curandeiros e os perigos sociais que sua prática trazia para a sociedade em constante *progresso*. Para isto, até os mesmos profissionais da medicina oficial faziam declarações públicas nos jornais, apelando às autoridades.

Caso diferente e merecedor de um comentário eram o das Parteiras. As Parteiras formavam um grupo social que em Curitiba do período estudado, eram legitimadas e consideradas como conhecedoras de sua arte. Em diferentes anos constatou-se o respeito e liberdade de sua profissão e inclusive o curso de obstetrícia, dirigido especialmente às parteiras, foi uns dos primeiros a existir na Universidade Federal de Paraná. Era bem comum encontrar nos classificandos, avisos oferecendo seus serviços e elas mesmas exercendo sua legitimidade, pelo fato de "serem diplomadas".

Junto a esses Códigos e novas Constituições que previam a penalização do exercício ilegal da medicina, surgiram Instituições como a Sociedade de Medicina do Paraná e posteriormente o Sindicato Médico do Paraná em 1931. A Sociedade de Medicina do Paraná surgiu no ano de 1914 por iniciativa de um grupo de médicos preocupados em organizar e centralizar a classe. Com uma Universidade criada em 1912 e um dos primeiros cursos de medicina do país, a necessidade de uma normalização e de uma associação da classe médica era imperativa. Esta Sociedade propugnava pela ética médica e pela produção de trabalhos científicos. Era uma questão de reivindicação da classe. Restringindo e penalizando assim, aos outros praticantes da medicina popular que eram considerados ilícitos e propensos ao charlatanismo. Essa vontade não ficou só no

papel e nos discursos, pois foram organizadas diferentes comissões para combater o curandeirismo e o charlatanismo de forma geral.

Considerações finais: O Curandeirismo... um mal necessário

Identificou-se por um lado, que desde a virada do século XIX até as primeiras décadas do século XX, as práticas do curandeirismo em Curitiba foram atividades populares vinculadas estreitamente ao processo de controle sanitário, urbano e científico do projeto de Estado. Curitiba crescia dentro de padrões racionais e do ideal positivista e progressista exigidos pelo novo saber e técnicas do período, unido também a um conjunto de condições sócio-econômicas paupérrimas vigentes que decorriam em uma escassez de profissional e má qualidade destes. Tal fato foi determinante para a conseqüente expansão das milenares práticas populares e do curandeirismo em particular.

Os curandeiros, na sua maioria, eram carentes de formação escolar e desconhecedores das bases, dos princípios e das teorias norteadoras da ciência médica e da sua normalização que se desenvolvia lentamente fora de seus alcances. Assim, o saber científico confrontava-se com o saber popular.

Um segmento cultural e social começava a se estruturar e a exigir uma legitimação de sua atividade. Assim, o corpo e número de especialistas da saúde, especialmente os médicos diplomados, aumentava e garantia um monopólio científico e profissional. Essa expansão encontrou, ao longo do período estudado, algumas resistências na maior parte da população que ainda preferia os serviços dos médicos populares.

Com o surgimento das Universidades em outros Estados, e com a fundação e estruturação da Universidade Federal de Paraná, com seus cursos ligados a saúde, passou-se a discutir e legitimar mais nos Jornais da época, os assuntos relacionados à saúde e doenças, as técnicas da medicina, e de coibir cada vez mais a ação dos curandeiros. Porém, no contexto estudado, a dominância da medicina científica e dos médicos diplomados sobre a medicina popular e seus praticantes, de maneira como a conhecemos hoje em dia, não existia. Foi um período claramente caracterizado por conflitos e disputas para uma posterior hegemonia que até então pertencia quase que exclusivamente aos curandeiros.

Através dos relatos analisados, efetuou-se uma caracterização das representações sociais feitas no *Diário da Tarde* do curandeiro e de suas diversas técnicas utilizadas na suas práticas. Isto teve como objetivo central recuperar a verdadeira dimensão e representação que se tinha sobre estes indivíduos. Os artigos estudados podem ser entendidos se olhados em conjunto, como parte desta disputa que ocorria no período analisado.

A técnica da análise do discurso escolhida se encarregou de interpretar a expressão de um pensamento social em relação às práticas médicas populares e

sua legitimidade na sociedade em geral. Os objetivos de quem escrevia eram desqualificar o curandeiro e o curandeirismo perante a opinião pública, como sendo práticas ineficazes, carregadas de ignorância e/ou charlatanismo. Encarregaram-se também de apontar os caminhos para eliminar esse tipo de práticas e de seus agentes. As tentativas de reeducação da população, a melhor e maior formação de médicos diplomados e a punição e marginalização a essas práticas ditas ilícitas, através da elaboração de novas leis condenatórias, foram os caminhos apontados pelo Estado e também pela sociedade de Curitiba.

Como um mal necessário, aceito e legitimado pela população em geral, as práticas médicas populares mágico-religiosas, tanto nas áreas rurais como nas cidades, foram se intensificando, diversificando e aumentando: "Pajés", "Curadores", "Entendidos", "Curiosos", "Práticos", "Feiticeiras", "Bruxas", "Espiritistas"; designados também como "Curandeiros"; foram homens e mulheres indígenas, negros, mestiços e descendentes de migrantes europeus na sua maior parte. Todos diagnosticavam, receitavam e conheciam as doenças, tanto de ordem material ou física, como as de ordem imaterial ou espiritual.

Um aspecto importante para ser destacado na análise é o relacionado ao lugar da liderança do Curandeiro dentro do grupo social e cultural dado. Geralmente é líder, e não no sentido político do termo, mas sim como o agente social de uma comunidade que por possuir um conhecimento empírico e popular, permitia-lhe se apropriar de componentes imaginários e ideológicos que lhes conferia poder e prestígio e que legitimavam sua função e lugar dentro do grupo ou sociedade. Ele é um elemento de equilíbrio social e cultural que realiza compromissos irrealizáveis na ordem física e natural, ao ser capaz de conseguir acordos com deuses, espíritos antepassados, santos e outros, através de rituais efetivos que asseguram sua ancoragem na esfera sagrada.

Segundo as informações coletadas na pesquisa, a procura pelos serviços das benzedadeiras, ervateiros, curandeiros e profissionais da medicina popular em geral, era bastante significativa, como se pode constatar nas fontes estudadas. Com isso, os curandeiros foram muitas vezes afastados dos bairros centrais de Curitiba por ameaçar diretamente esse monopólio científico dos profissionais da medicina e da saúde oficial. Contra eles uniram-se policiais, boticários e farmacêuticos, jornalistas, humanistas, médicos e juristas, com ideais progressistas que tentaram promover a perseguição, marginalização, condenação e controle sobre suas práticas, o que proporcionou uma clara amostra do pensamento e da representação social que se tinha das práticas médicas populares.

Compreendeu-se então, que a polêmica surgida nos jornais e especificamente no jornal *Diário da Tarde*, sobre o Curandeirismo e os Curandeiros, refletia o embate que se travava no período entre a cultura intelectual e acadêmica que se tentava impor à população e a cultura popular. Este tipo de fonte impressa e que representou o "discurso oficial", permitiu acompanhar esse intenso debate

que se realizava na sociedade curitibana sobre a questão, e sobre e as diversas ações estatais de reeducação e repressão às práticas populares de medicina, tão enraizadas desde as origens da população brasileira.

Identificou-se também que as práticas de curandeirismo eram comumente associadas às de feitiçaria de forma geral englobando-as em um conceito mais amplo da medicina popular mágico-religiosa. De modo que se partiu da idéia de que a medicina popular mágico-religiosa esta apoiada não só em critérios científicos -orgânicos e biológicos- senão também sobre critérios que remetiam a crenças e práticas culturais, que operava com outro tipo de racionalidade. Por isso insistiu-se na importância da sua significação simbólica em relação à cultura.

Em fim, considerou-se o fenômeno do curandeirismo como um fato social, cultural, coletivo formal, ritual e tradicional, que supôs uma solidariedade de crenças e sentimentos, e cuja eficácia foi reconhecida socialmente pelo grupo ou sociedade em geral. Possuía uma lógica própria e um valor simbólico carregado de significações. Mas os elementos de crenças e práticas mágico-religiosas da população curitibana, apesar de toda essa pressão sofrida, não desapareceram. As práticas do Curandeirismo permaneceram no tempo e conservaram-se às crendices, superstições e a sabedoria popular paralelamente ao desenvolvimento tecnológico.

Curas milagrosas, ritos catárticos, palavras cabalísticas, ervas e raízes, crenças construídas sobre a base de um imaginário que atou e pelo mesmo foi vivido como real. Aonde a medicina foi insuficiente ou fracassa, apareceu a esperança de uma outra resposta. Uma soma de diagnósticos e tratamentos que tomaram em conta a rica diversidade e complexa existência humana, entretecendo ligações até invisíveis entre o subjetivo e o objetivo, entre o consciente e o inconsciente, entre o material e o imaterial, em um universo recarregado de significações em meio do qual brotou o rico manancial do inesperado.

Referencias Bibliográficas

- ALVARENGA, Oneyda. **Catimbó**. São Paulo: D. P. M. 1949.
- BARZ, Elton. *Curitiba e planejamento urbano*. In: **A cidade e o meio ambiente**. Curitiba: Pref. Municipal, 1992. p. 07.
- CAMARGO, Maria. **Medicina Popular**. São Paulo: Cadernos do Folclore 8. 1976.
- CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular, Superstições, Crendices e Mezinhas**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante. 1955.
- CARVALHO, A. C. Duarte. **Curandeirismo e Medicina**. Londrina:UEL, 1999.
- CASCUDO, Luis da C. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Itatiaia. 1951.
- CESAR, Getulio. *Curandeiros e rezadores*. In: **Crendices do Nordeste**. Fortaleza. Pongetti, 1940. p.169.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**.

- Rio de Janeiro: DIFEL. 1990.
- DICIONÁRIO de Ciências Ocultas. São Paulo: Três. 1973.
- DICCIONÁRIO ENCICLOPÉDICO hispano-americano de Literatura, Ciências y Artes. Tomo 5. España: Montaner y Simón Editores. 1890. p. 1588.
- ELIADE, Mircea. **Shamanism, archaic techniques of ecstasy**. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- ENCICLOPEDIA portuguesa e brasileira. Vol. VIII. Lisboa. 1940. p. 290-91.
- FÁVERO, Flaminio. "O exercício ilícito de Medicina no Novo Código Penal". In: **Medicina Social**. N.4. vol 1, julho/agosto de 1947, p. 227.
- FERREIRA, J. *Rituais mágicos do campo*. In: **Magia**. 1(9) São Paulo: Três, s/d.
- FERREIRA, Aurélio B. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.
- FOSTER, George. *Relaciones entre la Medicina Popular Española y Latinoamericana*. In: **La Antropología Médica en España** (Org. M. Kenny e J. Miguel). Barcelona: Anagrama, 1980.
- LANGER, Johnni. **Feitiçaria em Curitiba (1899-1945)**. Monografia apresentada no curso de História da UFPR em Curitiba. (mimeo).
- LÉVI-STRAUSS, C. *Magia e Religião*. In: **Antropologia Estrutural 1**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1970.
- LOYOLA, Andréa. **Médicos e Curandeiros**. São Paulo: DIFEL, 1984.
- MARTINS, Romário. **História do Paraná**. São Paulo: Rumo, 1993.
- MOSCOVICI, Serge. *Prefácio*. In: **Textos em representações sociais**. (Guareschi, P. e Jouchelovitch, S.) Rio Janeiro: Vozes, 1994.
- MONTERO, P. **Magia e Pensamento mágico**. São Paulo: Atica, 1986.
- OLIVEIRA, Elda R. **O que é a medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS FILHO, L. **História geral da medicina brasileira. Vol. 1 e 2**. São Paulo: HUCITEC, 1991.
- SIQUEIRA, Márcia D. **Associação Médica do Paraná (60 anos de história)** Curitiba: AMP, 1993.
- SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras. 1986.
- WESTPHALEN, C. M., BALHANA *et alii*. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar. 1969.